



Codinome Breno: trajetória de uma produção documental¹

Manoel Meirelles Amorim BATISTA²

Maria Angela PAVAN³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Artigo sobre a produção do documentário ainda inacabado “Codinome Breno”, o qual aborda a busca de Manoel Batista para melhor conhecer o passado de sua família. Manoel perdeu o contato com os pais aos oito anos, quando eles e o irmão mais velho, de nome Breno, morreram em um acidente de carro. O pai de Manoel havia dado ao filho o nome de Breno em homenagem a um grande amigo, que fora assassinado durante a ditadura militar. Por meio de entrevistas gravadas com contemporâneos de seu pai, Manoel documenta a origem do nome do irmão e, ao mesmo tempo, aprofunda a história do pai, perseguido na época da Ditadura. Assim, o documentário recompõe a memória familiar do protagonista partindo de um ponto de vista particular, legitimando uma reflexão crítica em relação aos abusos cometidos no período ditatorial.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; ditadura no Brasil; memória familiar; produção audiovisual.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema “O Processo de Produção do Documentário Codinome Breno”, idealizado no decorrer de minha habilitação em Radialismo no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. A escolha do formato documental, baseado no Cinema Direto e usando a perspectiva do Documentário em Primeira Pessoa se mostrou a mais indicada para o objetivo do projeto, pois havia desde o início a intenção de mostrar a veracidade dos personagens, tanto no âmbito das relações familiares como no âmbito de suas atividades corriqueiras.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação e Estudos da Mídia - PPGEM, da UFRN, email: manoelmeirelles@tjm.jus.br.

³ Orientadora do Trabalho. Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação e Estudos da Mídia - PPGEM, da UFRN, email: gelpavan@gmail.com



Portanto, caso se optasse por uma ficcionalidade teatral, seria muito difícil manter a naturalidade pretendida, de maneira que a escolha do formato documental foi viável para manter um contato próximo com a subjetividade⁴ e veracidade almejadas.

Conhecer e contar a história de Jorge Batista Filho, meu pai, era um desejo antigo que eu tinha, visto que ele faleceu em 1986, quando eu tinha oito anos de idade, em um acidente de carro, no qual faleceram também minha mãe e meu irmão mais velho.

Dado esse distanciamento precoce, não pude conversar com meu pai, de forma adulta, sobre suas experiências de vida, especialmente as ocorridas na época da resistência à ditadura militar iniciada em 1964. Além disso, em minha família, havia uma ausência quase completa de relatos orais em razão da dor trazida pelas lembranças da barbárie e da saudade do parente falecido. Em razão de sua participação nos movimentos estudantis em Minas Gerais, meu pai foi preso e torturado pelo regime ditatorial. A exemplo destas atrocidades sofridas por ele e também por muitos outros relatam Arns, Sobel e Wright:

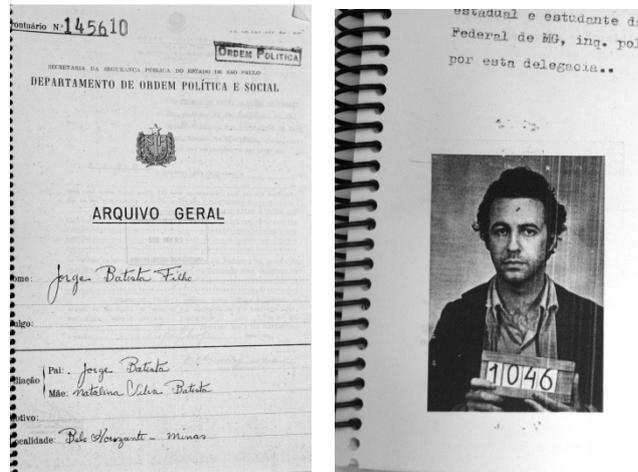
[...] que foi espancada e despiram a depoente e provocaram choques elétricos; [...] que havia pausa a critério médico; que aplicaram choques nos seios, no umbigo e na parte interna das coxas; que após, foi jogada numa cadeira já que não podia ficar de pé [...] (ARNS, SOBEL e WRIGHT, 1985, p. 204)

Abro aqui um pequeno destaque para ressaltar, desde já, que o acidente de carro em que faleceu meu pai em 1986 ocorreu por causas completamente independentes de qualquer articulação militar. Tratou-se, portanto, de uma tragédia dirigida não pelos militares, mas por um motorista imprudente.

Depois desse longo período de silêncio em minha família, o tema da abertura dos arquivos militares foi retomado com mais força durante o governo Lula, em meados do ano de 2004. Nessa ocasião tive acesso a documentos do Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, do Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna – DOI-CODI e Serviço Nacional de Informações – SNI que demonstravam a participação de meu pai (Jorge Batista Filho) em grupos de

4 -Subjetividade neste contexto refere-se a forma de apresentação dos personagens na linha narrativa da história, ou seja, procurando enfatizar suas singularidades e especificidades. Para maior aprofundamento, tem-se a leitura de Robert Drew, em MARCORELLES (1963).

resistência armada nos estados de Minas Gerais e São Paulo, nas organizações conhecidas como Colina (Coligação de Libertação Nacional) e VAR (Vanguarda Armada Revolucionária).



Figuras 1 e 2 – Arquivos do DOPS de Jorge Batista Filho

Retomar o contato com essas informações atizou minha vontade de saber mais sobre essa parte da história paterna e fui procurando espaço para essas conversas no meu grupo familiar, passando a coletar, ainda sem qualquer pretensão específica, objetos e histórias referentes ao assunto.

Anos se passaram e, já no decorrer do meu curso de comunicação, houve um fato oportuno: em 2012 fui convidado para o lançamento de um livro, em Belo Horizonte-MG, chamado *Seu Amigo Esteve Aqui*, de Cristina Chacel, o qual conta a vida de Carlos Alberto Soares de Freitas. Através de conversas com as pessoas envolvidas, obtive a informação que esse militante usou, na clandestinidade, o Codinome “ Breno ” ao lutar contra a Ditadura em Minas Gerais e influenciou muitos jovens, dentre eles, meu pai. Passei também a saber que meu pai havia dado ao meu irmão o nome de Breno em razão da amizade com esse militante e que outras pessoas na época haviam feito o mesmo gesto.

Fui tomado de grande curiosidade em relação à figura do Carlos Alberto. Intuitivamente sabia que, conhecendo mais sobre sua vida, eu teria maiores informações sobre a vida do meu pai e da bonita história do batismo de meu irmão. A partir dessa situação favorável, surgiu o desejo de produzir um documentário sobre a interseção dessas vidas.



2. PRÉ-PRODUÇÃO

A mola inicial para o documentário surgiu, como anteriormente citado, a partir do convite para o lançamento do livro sobre Carlos Alberto de Freitas, por isso, esse texto, ainda em fase de pré-lançamento, se tornou imediatamente material de pesquisa indispensável a ser adquirido. Todavia, eu nada sabia sobre tal pessoa, tinha apenas a informação de que meu irmão havia herdado esse nome. Dessa forma, durante o processo, o nome Breno, impregnado de todo esse significado, passou a representar para mim um elo entre o passado de meu pai, que eu queria conhecer melhor, o livro que estava para ser lançado e o documentário que eu me propunha a fazer.

Em seguida, iniciei uma pesquisa mais criteriosa na qual procurei agrupar o máximo de textos, fotografias, objetos pessoais, publicações, reportagens, cartas, ou seja, busquei juntar a maior quantidade de informações sobre o assunto.

Um adereço que me trouxe boas recordações, o qual também será usado como objeto cênico no filme, é um chaveiro dupla face que tinha de um lado a imagem antiga de meu irmão, quando criança, e do outro uma foto minha com poucos anos de idade. Todas as vezes que estávamos no set para filmar, eu tive o chaveiro em mãos imaginando que de alguma maneira ele me aproximava do meu irmão, me guiando, como uma bússola na história que eu queria trazer pra ser contada.

Havia uma quantidade generosa de documentos guardados em família, alguns contando detalhes sobre a morte dos meus pais, os quais foram suficientes para embasar a pesquisa em um momento inicial. Por outro lado, dada a grande tristeza ainda trazida pelo assunto, me deparei com a quase ausência de narrativas orais sobre esses temas dentro do grupo meu familiar.



Figura 3– Chaveiro com a foto de Breno

Em razão disso, foi de grande valor afetivo e documental para o projeto encontrar nos arquivos de família uma gravação de áudio que havia sido feita por meu pai em 1975, originária de uma fita k-7, durante o batizado de meu irmão. Nessa gravação ele explicitou claramente os motivos pelos quais deu ao filho o nome de Breno, sendo válido transcrevermos o seguinte trecho.

[...] Eu tenho uma coisa pra dizer pra o Breno, pra ficar guardado. [...] Breno Gustavo era exatamente o nome de um amigo fraternal meu, um cara da minha idade mais ou menos, [...] que sendo preso foi torturado até a morte, a gente não sabe como nos detalhes [...] Então a gente entendeu que cabia fazer renascer esse companheiro dentro desse filho nosso.[...] Mas a vontade que a gente tem é que ele seja um amigo dos homens, um amigo da libertação do povo dessa terra [...]



Figuras 4 e 5 – Fita k-7 com áudio do batizado e foto do batizado

Durante o período de planejamento deste projeto passei a manter contato com pessoas que conheceram meu pai, e também com pessoas que participariam do lançamento do livro, criando uma rede de informação que me mantivesse atualizado.



Outra dificuldade apresentada decorreu do fato de que o lançamento do livro seria em Belo Horizonte-MG e eu não conhecia pessoas na cidade que trabalhassem com audiovisual. Como alternativa obtive contato com Fabiano Schroden, meu primo, fotógrafo, o qual procurou parcerias para realização do Projeto. Conseguimos a colaboração de Marcelo Brito, produtor e diretor da Mira Produtora em Uberaba-MG que nos forneceu conhecimento técnico e acesso a equipamentos.

Ultrapassada a fase de planejamento inicial, passamos a nos ocupar do roteiro. Como trata-se de um filme que reconstrói memórias, é natural que o roteiro seja conduzido pelas narrações e entrevistas. Percebemos, então, que os principais depoimentos deveriam ser colhidos durante o lançamento do livro, aproveitando o ambiente festivo de reencontro em que os momentos felizes, assim como as lágrimas, fluiriam com maior naturalidade.

Dada a nossa intenção de manter maior conexão com a veracidade dos fatos ocorridos, essas entrevistas seriam conduzidas no estilo do Cinema Direto, longe de qualquer ensaio, pois as informações, após autorizadas, seriam colhidas em tom de conversa, sem balizas ou regras pré-definidas.

Aliás, havia apenas uma advertência prévia dada aos entrevistados de que a intenção era focar nas relações de amizade e de família. Havia o desejo de falar das pessoas e das experiências vividas. O viés político apareceria inevitavelmente, pois, especialmente naqueles dias de repressão, a política impregnava tudo o que acontecia no país. Entretanto, a visão que buscávamos era a de encontrar o humano, a esfera pessoal, afastando-se da política de propaganda, da panfletagem ou do partidarismo.

Inconscientemente, eu já havia iniciando o processo de ressignificação interna de minhas memórias. E comecei a entender que a busca para conhecer a origem do nome de meu irmão era, na verdade, um subterfúgio que usei, quase de forma lúdica, para enfrentar a tristeza trazida por essas lembranças.

Refleti sobre essa angústia no texto Pollack.

[...] como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a



controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais.(POLLACK, 1989, p.10)

Percebi que eu estava diante de memórias que me doíam muito ao ser revividas, as quais se misturavam a fatos de grande importância para a história recente de meu país. Eram memórias individuais e familiares, mas que tinham um valor inestimável.

3. PRODUÇÃO

Estabelecido que o roteiro não seria estritamente rígido passei a identificar, junto com a equipe, situações que facilitassem os relatos sob uma perspectiva que transparecessem maior lógica e coerência.

O pré-roteiro ou roteiro prévio teve como ponto inicial a cidade de Uberlândia-MG, mais precisamente, escolhemos como locação o trecho da estrada em que meus pais morreram. Simbolicamente esse seria o ponto de partida para buscar as histórias referentes a origem do nome do meu irmão. Nessa cidade foram entrevistados parentes e colhidas imagens de apoio. Tomaim defende que é por intermédio da busca, no local dos acontecimentos, que emanam memórias e sentimentos necessários as verbalizações que darão vida ao documentário.

[...] É o que procurou fazer Claude Lanzmann ao realizar Shoah (1985), um longa-metragem de mais de nove horas de duração sobre os sobreviventes do holocausto do povo judeu. Lanzmann visitou os campos de concentração na companhia dos sobreviventes com objetivo de provocar neles o surgimento da memória, uma reminiscência, uma imagem viva do passado que só pode, no presente, materializar-se em forma de “pesadelo transmitido por meio da palavra” [...]. (TOMAİM, 2009, p.58)

O segundo ponto de filmagens foi em Belo Horizonte – MG, onde entrevistei amigos do meu pai e passei a saber mais sobre a resistência que se iniciava contra ditadura. Esse contato me permitiu acessar conteúdos e lembranças familiares que permaneciam guardados de maneira quase inacessível. Estes depoimentos deram forma e contorno a fatos, expressões e personagens que antes existiam apenas de forma idealizada em meu imaginário. Houve, a partir daí, a intenção de trazer nova significação e concretização à minha memória.

Acredito que nesse momento comecei a me aproximar das memórias incompletas que tinha de meu pai. Esse processo foi dando forma e imagem aos aspectos interacionais que ele construiu durante sua vivência, que sempre esbarrava na

política. Considero de extrema importância o resgate de sua história, de sua luta, construída por ele e seus amigos. Nesse caminho a marca de sua passagem deixou saudades em mim e nos que o conheceram, quer no movimento estudantil, na militância política, na carreira de jornalista, na participação no PT, na docência na UFRN, ou no Instituto de Pesquisa e Formação Política que decidiram homenagear postumamente com seu nome, o Instituto Jorge Batista–IJB, em Osasco, SP.

Em seguida fui ao lançamento de *Seu Amigo Esteve Aqui*, que ocorreu no dia 05 de novembro do ano de 2012, também em Belo Horizonte, no Memorial Minas Gerais Vale. Lá entrei contato com muitos amigos de meu pai e de Carlos Alberto Soares de Freitas, codinome Breno.

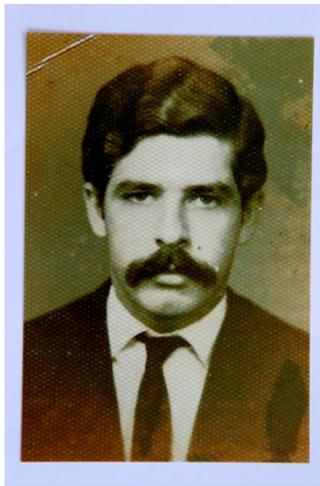


Figura 6 – Carlos Alberto Soares de Freitas, o Breno

Muitas histórias foram contadas, dentre as quais destaco a entrevista que fiz com Gilberto Vasconcelos, um militante que também dera ao seu filho o nome de Breno. Neste trecho da entrevista, Gilberto relembra como ele e meu pai escolheram o nome dos filhos no trecho a seguir:

[...]Depois ele (Jorge) foi pra Natal, casou-se com a Ana Valdez e voltou pra São Paulo e aí já voltou com o Breno, com o filho, que foi uma homenagem ao Carlos Alberto[...] Eu tenho aqui a carta em que ele fala do Breno, contando que nasceu o Breno e disse algo assim: ‘Oxalá! Ele honre o nome do outro!’ algo assim [...] Depois por último veio o meu filho mais novo Breno, chara do irmão do Manoel.

Ou seja, o nome Breno ecoava entre aqueles que o conheceram, mantendo viva a vontade de ultrapassar aquela situação atroz. Nessas entrevistas temas como morte, medo, ódio, torturas, loucura, resistência, amizade, liberdade e utopia, eram sentimentos que se confundiam, compondo uma estrutura afirmativa que não admitia mais

permanecer muda ou inerte. Parecia que aquelas pessoas que viveram o golpe buscavam estabelecer uma conexão com a geração seguinte, dando um recado muito claro de que momentos de horror como aqueles não deveriam repetir-se.

Entretanto, não houve tempo suficiente para entrevistar todas as pessoas para completar a história, por isso, tivemos que programar uma outra sessão de entrevistas em nova data. Graças aos contatos feitos em Belo Horizonte, fomos convidados, para continuar as filmagens no Rio de Janeiro, em outro lançamento do livro que aconteceu no dia 12 de novembro do ano de 2012, na Livraria Travessa, no Leblon. A viagem ao Rio de Janeiro, apesar de não estar nos planos iniciais, engrandeceu o conteúdo do documentário, uma vez que foi a última cidade em que Carlos Alberto foi visto vivo antes de ser preso, torturado e finalmente transformado num desaparecido político.

[...] A condição de desaparecido corresponde ao estágio maior do grau de repressão política em um dado país. [...] o que constitui um confortável recurso, cada vez mais utilizado pela repressão.[...] A perpetuação do sofrimento, pela incerteza sobre o destino do ente querido, é uma prática de tortura muito mais cruel do que o mais criativo dos engenhos humanos em suplicio. (ARNS, 1985, P. 260)



Figura 7 – Cartaz com desaparecidos políticos e detalhe na foto de Carlos Alberto

Ao conhecer de perto a história de Carlos Alberto, cujos restos mortais nunca foram encontrados, percebi que o registro feito alcançava um patamar que também era coletivo e social, fazendo com que o próprio ato de documentar funcionasse como testemunha e ao mesmo tempo agente nesse processo de ressignificação das memórias.



4. EDIÇÃO PÓS-PRODUÇÃO E NOVAS PERSPECTIVAS

Ao retornar a Natal-RN, iniciou-se um longo processo de edição. Atualmente o projeto já passou pelo primeiro corte de edição, mas está sendo revisado e exige ainda alguma lapidação antes de entrar na fase de finalização.

Primeiramente, foi preciso reunir o material coletado, algo em torno 46 horas de gravação, 748 GB de arquivos de áudio e vídeo. Dividi o trabalho em duas frentes: uma parte da equipe, em Minas Gerais, passou a trabalhar as imagens de apoio, a parte gráfica, efeitos sonoros e de imagem; enquanto a outra parte permaneceu em Natal-RN, para se dedicar à edição das entrevistas.

Na edição das entrevistas, foi feita a decupagem inicial e, logo após, a transcrição literal de todos os depoimentos para facilitar a manipulação dos conteúdos das entrevistas. Esse processo mostrou a necessidade de novas pesquisas, pois muitas informações lançadas nos depoimentos exigiam mais fotos, novas imagens de arquivo, novas entrevistas e outros pontos de vista. Isso também enriqueceu o trabalho, porém, nessa fase há necessidade de prudência e muito tato para não retornar a um processo de busca sem fim.

Procurando ampliar capitação de recursos para completar a realização do filme, em novembro de 2014 o roteiro de Codinome Breno concorreu e foi um dos selecionados do Cine Natal-2014, sendo destinatário de uma verba municipal para execução dos trabalhos. Essa premiação, num primeiro momento, deixou a equipe bastante esperançosa para continuar o documentário, porém, por questões burocráticas, até a presente data essa verba ainda não foi disponibilizada.

Pretendo promover o filme e sua realização por meio da participação em editais, festivais, apresentação em eventos e mostras relacionadas à ditadura ou à discussão de temas conexos. A intenção é de que o filme circule. Mas, primeiro é preciso finalizá-lo.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento do documentário iniciou-se em meados de outubro de 2012, inicialmente foi estabelecido um cronograma, que passou por diversas modificações. Não arrisco afixar de forma incontestada a data em que o filme ficará pronto, pois, há na cinematografia repetidos casos como o de João Moreira Salles, que iniciou o documentário *Santiago* em 1992, porém, só conseguiu finalizá-lo em 2007, por motivos não só profissionais, mas também por envolvimento emocional com o tema. Fica a lição de que o filme só está pronto quando maduro.

Ainda assim, muitos dos objetivos estabelecidos no início do projeto foram atingidos, produzindo resultados que já podem ser apresentados e discutidos.

Apesar das dificuldades, prossegui e consegui aprofundar a minha busca pela ressignificação das memórias. Através das leituras acerca do tema memória, especialmente Michael Pollak em *Memória, Esquecimento e Silêncio*, (POLLACK, 1989, p.10) encontrei várias respostas para minhas questões internas. Percebi a reinterpretção do passado através dos combates do presente. Dessa forma, me vi como portador de uma memória individual, referente à minha família, enfrentando um duelo de emoções que tanto me instigavam como me faziam recuar. Havia uma ambivalência do sentimento de comemorações versus a memória deste período de sofrimento.

Partindo para uma perspectiva mais geral, o filme pode colocar em discussão os abusos e perseguições ocorridas durante a ditadura. Apesar de ter documentado as memórias de um grupo pequeno de pessoas, estas se confundem com a memória de muitos outros, representando uma memória coletiva, que se pretende ativa e plural.

Ainda à sombra de Pollak, compreendi que as marcas da tortura, da opressão, da supressão da vida, inerentes a este período, caracterizam um sofrimento humano extremo, ancorado em uma memória muito mais geral, a da humanidade em si.

Foi importante também criar ao longo das entrevistas um espaço de diálogo para aproximar a geração que viveu o golpe militar e gerações posteriores, como a minha. O período ditatorial da história brasileira, visto como passado longínquo por minha geração, pode, ainda, se tornar promessa de futuro e ou, talvez, uma ameaça lançada à atual ordem estabelecida, como vemos nas notícias televisivas narrando o



desejo de jovens e adultos em seus anseios pela volta do regime ditatorial ou ainda através da deslegitimação dos partidos políticos. Tais pensamentos e fatos também permearam minha preocupação e ensejo de realizar o documentário.

Caminharei no processo de produção do vídeo tendo em mente as questões supracitadas, que talvez não poderão ser respondidas objetivamente, mas que ecoarão ao entendimento individual de cada um que tome contato com o documentário *Codínome Breno*.

De todo modo, a liga entre todas essas memórias, além das tensões sentimentais e políticas entre elas, intervém, também, na busca de uma definição de um consenso social. Estas memórias, através da feitura do documentário, podem sobreviver alimentando-se de outras referências culturais, literárias ou religiosas, elementos próprios da subjetividade cinematográfica. Tem-se, portanto, aqui, uma relação entre memória e subjetividade como indissociável da organização social da vida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil Nunca Mais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

CHACEL, Cristina. **Seu Amigo Esteve Aqui**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. São Paulo: Papyrus, 2004.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

TOMAIM, C. S. **O Documentário como Chave para nossa Memória Afetiva**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2009

SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Brasil, 2007.

SHOAH. Direção: Claude Lanzmann. França, 1985